

A Comuna de Paris de 1871

Piotr Lavrov

O presente texto de Piotr Lavrov foi publicado originalmente em março de 1875, no jornal “Vperyod”. Lavrov, militante e pensador russo, foi um comunardo e correspondente de Karl Marx, bem como autor de uma das obras mais citadas sobre a Comuna de Paris (*A Comuna de Paris de 18 de Março de 1871*), especialmente na Rússia. Tradução e notas de Nildo Viana.

Muitos dos nossos leitores receberão este exemplar do nosso jornal no próprio dia 18 de março. Outros vão ler mais ou menos na mesma época. Vamos falar sobre este grande dia, sobre seu significado na história da humanidade, sobre o brilho que cai da bandeira vermelha da Comuna de Paris para o futuro próximo, sobre o raio de luz que lança a chama desta Comuna nas trevas de um futuro mais distante...

Um grande dia! Não é estranho chamar o alvorecer da “terceira derrota do proletariado” de um grande dia da história da humanidade! Quem se lembra na Paris dançante, comerciante e intrigante de 1875 daqueles curtos dias em que o “renascimento social”, “o fim dos monopólios e privilégios” foi proclamado na Comuna de Paris? Não estão os poucos representantes vivos destes dias espalhados a todos os ventos? Os longos cadáveres mutilados dos outros apodreceram? O império de Napoleão III não continua na podre república de Thiers e MacMahon? É permissível dizer que a onda da história humana preservou em suas marés sujas e modernas pelo menos um resquício microscópico de um episódio de dois meses, que os homens modernos da ordem chamam com nojo de “loucura e crimes” da Comuna? Onde está a bandeira vermelha da revolução social? Onde está a chama explosiva do proletariado? Não repetimos em honra dos nossos amigos, dos nossos heróis, dos nossos ídolos, aquelas frases banais e gastas com que, no passado e no presente, o legitimismo glorificou e glorifica os heróis das visões de Lourdes

e do lírio branco, o Bonapartismo – o herói da fraude e atuação violeta, o partido do passado, totalmente esmagado, esquecido, petrificado – e seus efêmeros heróis anões, seus ídolos-deuses instantâneos, engolidos inconscientemente pelo gigante da história?

Frases? Veja os rostos pálidos dos assassinos de Versalhes; ouça os gritos furiosos da burguesia francesa e mundial à simples lembrança da Comuna de Paris, e nas feições distorcidas dos algozes, no chocalho dos caluniadores. Você perceberá se esses proletários esmagados eram tão pequenos, apesar de ainda fazerem os legisladores de grandes poderes, czares, bolsa de valores e capital industrial tremerem.

Onde está a bandeira vermelha da revolução social? Ela vibra em toda a sua amplitude diante do pensamento dos MacMahons e Bismarcks, Disraelis e Alexandrovs. Eles não podem se esconder do seu brilho sangrento eternamente diante de seus olhos, um símbolo germinador do destino de amanhã. Ele arde cada vez mais intensamente, desenvolve-se cada vez mais sob os bancos e bolsas de valores, nas mentes dos banqueiros e corretores de ações, nos parlamentos e ministérios, nas mentes dos oradores da ordem e dos ministros-mágicos. Ele se inflama em cada cadáver faminto que a polícia abre. Ele estende suas longas línguas a cada celebração do bem alimentado, para a qual o trabalhador esfarrapado olha em silêncio. E os bem alimentados sabem que não há nada com que preencher essa chama. Os deuses do capitalismo e do Estado sabem que nenhum baú recém-inventado que resista a “fogo e ladrões”, nenhuma fortaleza e palácios guardados por “polícia atenta” e “exército leal” resistirão a este fogo. Muitas vítimas morreram sob as balas do Chasspo¹ e *mitrailleuse*² no vale Satori, nos pontões de Brest, nos desertos da Nova Caledônia, mas no lugar de cada um dos mortos, aparecem novos lutadores mais amargurados, e nos sótãos dos bairros distantes de Paris, muitas crianças repetem a formidável lenda da Comuna com as palavras de sua mãe. Ao lado da Paris burguesa dançante, comerciante e intrigante nas ruas, ontem afundada com chumbo

¹ Rifle, projetado em 1857, pelo armeiro francês Antoine Alfons Chasspo, que posteriormente se tornou modelo para outros rifles usando suportes e um parafuso deslizante longitudinal. Esta invenção ficou conhecida como espingarda Chasspo de 1866, ano que começou a ser utilizada pelo exército do Império francês (NT).

² Metralhadoras, em francês, no original. A metralhadora é uma arma com canos de calibre de rifle que pode disparar todos os tiros de uma vez ou em rápida sucessão. A primeira verdadeira metralhadora foi inventada em 1851 pelo capitão do Exército belga, Fafschamps, dez anos antes do advento da metralhadora Gatling (NT).

grosso, com suas praças e parques, de cujo solo brotavam braços e pernas dos executados nos corredores, ontem iluminados pelo brilho das Tulherias e da cidade, há outra Paris, a faminta e amargurada, que lembra e não esquecerá os grandes dias...

Sim, grandes dias... É difícil discernir nos fios emaranhados da história a conexão entre os eventos. Às vezes é difícil distinguir o herói ouropel³ do minuto do humilde construtor de um futuro duradouro. Mas há momentos tão significativos que seria impossível misturá-los com o curso ordinário das coisas, momentos antes dos quais o pensador se detém junto com o espectador comum. Este último é marcado por características externas nítidas em comum com muitos outros fenômenos ordinários. O pensador vê neles o ato contínuo da metamorfose da humanidade, raramente acessível aos olhos do espectador.

E, portanto, 18 de março não pode e não deve ser esquecido. Portanto, a Comuna de Paris de 1871 gravou uma marca maior e mais indelével na história da humanidade do que os Napoleões e Wellingtons, do que Waterloo e Sadova.

Não foram as pessoas que abriram caminho... Elas estavam abaixo de seus papéis. Não foi a luta heroica nas barricadas, nem a coragem ante as balas dos algozes de Versalhes que abriram o caminho... As pessoas sabiam lutar heroicamente pelas bandeiras mais vulgares; os mártires morreram sem medo por causa das ideias mais absurdas.

Os personagens incorporaram inscientemente, num drama terrível, a ideia que abriu o caminho.

Sem o proletariado, nenhuma revolução poderia ocorrer, exceto as revoluções palacianas; e vários regicidas, substituindo alguns “ungidos” por outros, semelhantes ao dado pelos Romanovs de São Petersburgo no século 18, não estão de forma alguma incluídos na tradição revolucionária histórica. Sem o proletariado, nenhuma revolução poderia acontecer, mas todas as revoluções realizadas antes de 1871 somente puderam ser realizadas com a ajuda do proletariado. A burguesia gerou suas revoluções e o proletariado serviu apenas como seu instrumento. Ele lutou em 1789 para que a Assembleia Nacional dominasse o rei; em 1830 por revogar os decretos de Carlos X; em 1848 para o governo com uma tonalidade mais liberal substituir o governo de Guizot &

³ O ouropel é uma liga metálica de cobre, de cor amarela, que imita ouro e de longe reproduz seu brilho e por isso assume o sentido figurado de algo que possui “brilho falso”, “aparência enganosa de luxo” (NT).

Co. É claro que o proletariado se lançou à batalha sob a pressão de suas calamidades econômicas; ele procurou uma cura para suas úlceras sociais; mas ele acreditava que eles poderiam ser curados por uma reunião de advogados, banqueiros e literatos; ele acreditava que deveria confiar a direção da revolução a celebridades, doutores políticos, formados pela mesma classe que por tanto tempo e incansavelmente o explorou. Se em 1848 havia trabalhadores no governo, o papel de liderança não pertencia a eles. Se nas jornadas de junho houve uma ruptura entre a burguesia e o proletariado, as jornadas de junho não tiveram tempo de se transformar em uma revolução, e não sabemos quem o proletariado de junho de 1848 teria nomeado para as primeiras fileiras se tivesse havia conquistado a vitória.

A revolução de 1871, pela primeira vez na história, decidiu, desde o início, colocar em sua cabeça “pessoas desconhecidas” do povo. A Comuna de Paris de 1871 foi a primeira organização da sociedade, encabeçada por Frankels, Varlins, Theissys, Pendys, Clements e outros trabalhadores manuais⁴, e por todos os erros, por todas as imperfeições do governo da Comuna, ela provou que a classe operária pode nomear para a administração dos negócios públicos pessoas que não são, de forma alguma, piores em administrá-los do que os trabalhadores da intelectualidade, que até então consideravam a administração sua especialidade. Não temos nenhuma razão para elogiar a legislação da Comuna em si, como um órgão da revolução dos trabalhadores, mas comparada com decretos emitidos por parlamentos e ministérios cheios de políticos cuidadosamente cultivados, preparados e treinados, a legislação da Comuna dificilmente poderia merecer qualquer censura: encadernadores, serralheiros, ourives revelaram-se tão adequados para este negócio como alunos de vários liceus e escolas especializadas que cresceram nos meios empresariais e políticos. A Comuna de Paris, em sua curta existência, finalmente destruiu a ilusão de que a formação burguesa daria qualquer superioridade na direção dos negócios públicos; a ilusão de que, no dia seguinte à vitória, o proletariado precisaria, portanto, da intelectualidade da burguesia derrotada e, assim, teria de colocar em sua liderança aqueles contra os quais se revolta. Agora é possível repetir com base na experiência o que antes só poderia ser dito com base em considerações lógicas: a classe

⁴ Referência a comunardos colocando seus nomes no plural para demonstrar que eram muitos indivíduos como Leo Frankel e Eugene Varlin, entre outros (NT).

operária, para suas revoluções e para a construção de sua futura sociedade, não precisa de gente que não lhe pertença. A Comuna de Paris de 1871 proclamou ao mundo inteiro uma mensagem ameaçadora para a velha sociedade: o proletariado trabalhador estava maduro para administrar seus negócios; a humanidade não precisa de administradores especializados, banqueiros, juízes, advogados, professores; fora da podridão deste velho mundo, surgiu um herdeiro para ele. A revolução de 1871 foi o momento em que, a partir do quarto estado⁵, o embrião de uma humanidade unida de trabalhadores se desenvolveu e declarou seus direitos para o futuro. Os grandes dias de março de 1871 foram os primeiros dias em que o proletariado não só fez uma revolução, mas também assumiu a liderança. Esta foi a primeira revolução do proletariado.

Mas aqueles “grandes dias” em que o proletariado dispensou as celebridades do mundo burguês, trouxeram ao proletariado uma lição pesada e sangrenta. Esses dias históricos foram “a terceira derrota do proletariado”. Por quê? Claro, muitos motivos levaram à queda da Comuna. Ela teve que lidar com complicações complexas de eventos. Os prussianos ficaram na frente de Paris. O proletariado de outras cidades da França, acostumado a seguir Paris, foi privado de atividade independente. Até que a emigração polonesa deu à Comuna líderes adequados, mas já era tarde demais. Até esse momento os assuntos militares foram organizados de forma imperdoável e ruim. O tempo foi perdido e erros irreparáveis foram cometidos. Mas não é uma questão de derrota. Há derrotas mais honestas do que outras vitórias. E há condenados que sobem ao cadafalso da história com uma consciência mais elevada de que fizeram seu trabalho do que a consciência com que os algozes, escolhidos pela mesma história para a sua execução, levantam o machado sobre suas cabeças. A Comuna de Paris não foi apenas esmagada pelos eternos inimigos dos trabalhadores. Ela não concluiu seu trabalho. Foi “a terceira derrota do proletariado” em relação ao próprio significado que o proletariado desempenhou nele. Ela anunciou um “renascimento social”, mas nem mesmo tentou implementá-lo. Declarou “o fim do antigo governo e do mundo clerical, o fim do

⁵ O termo quarto estado é derivado da revolução francesa, na qual o “terceiro estado”, dominado pela burguesia, derrubou o primeiro e o segundo estado (nobreza e clero), sendo que a ideia de um “quarto estado” é a do proletariado se desligando do terceiro estado e se autonomizando, constituindo um “novo estado”, que seria o quarto (NT).

militarismo, da burocracia, da exploração, do jogo da bolsa, dos monopólios e dos privilégios, mas não deu um único passo decisivo para o seu fim. Ela traçou um programa para a revolução social, mas não se atreveu a realizá-lo.

Por quê? Porque seus elementos social-revolucionários se misturaram com elementos de uma revolução política. Porque ao lado de Frankel e Varlin, entre os líderes estavam os jacobinos que não foram além da idolatria diante de Robespierre, Danton e Geber (como se Robespierre, Danton e Geber pudessem pensar e agir em 1871, como pensavam e agiam em 1792). Porque a questão social, única questão viva do nosso tempo, teve que ceder constantemente à questão política. Porque o proletariado, mais uma vez, não estava agindo por conta própria antes de se voltar para sua própria questão. Uma lição pesada e sangrenta foi dada nos grandes dias de 1871 às futuras revoluções do proletariado: antes de tudo e de forma mais aguda, uma revolução vitoriosa deve levantar a questão social. Não é uma questão de "liberdade, igualdade e fraternidade": é uma questão de liberdade de toda a exploração econômica, da igualdade de todos os combatentes contra os monopólios, da fraternidade de todos os trabalhadores unidos contra ociosos...

E aqui aparece outra lição.

“Paz e trabalho!” proclamou a Comuna em sua primeira sessão. “Que a paz reine finalmente...” disse ela em um apelo ao povo francês. E não eram apenas palavras de documentos oficiais. Durante toda a sua existência, os dirigentes da Comuna tentaram acalmar a burguesia, fazer a paz com seus representantes em Paris, estabelecer a paz entre o trabalho e o capital, entre o proletariado parisiense e os algozes de Versalhes, entre os operários destituídos e os reis da bolsa de valores. Sim, a paz é um objetivo distante, muito distante da revolução social. Sim, a paz será estabelecida entre as comunidades e setores dos trabalhadores da sociedade futura, cuja vida inteira será o desenvolvimento integral da personalidade e da humanidade. “Mas onde estão os elementos do mundo hoje? Pode o explorador, que vive do suor e do sangue do trabalhador, aceitar o fato de que será privado de todos os meios vergonhosos de sua existência?” O trabalhador tem o direito de fazer as pazes com os algozes de seus irmãos? Existe, mas não pode existir paz entre a burguesia e o proletariado. Não há e não pode haver paz entre o estado atual e o “renascimento social”. A burguesia e o Estado sabem disso. Eles não podem existir em

um “renascimento social”. Eles estão lutando ferozmente por sua existência. E o proletariado deve saber disso. E ele deve lutar, porque ele também está lutando por todo o seu futuro. Para ele, esse mundo é insuportável. Nenhuma concessão é possível. Assim que a Comuna exclamou “Paz!” em face de seus inimigos sociais, ela tornou o “renascimento social” impossível; ela assinou ao mesmo tempo “a terceira derrota do proletariado”.

E aqui estão as memórias, aqui está o grande significado, aqui estão as lições históricas da Comuna de Paris de 1871.

Os trabalhadores não precisam das pessoas das classes dominantes⁶ e podem, sozinhos, criar sua própria sociedade com todas as suas exigências práticas. Os trabalhadores não só têm o direito de fazer-se exclusivamente humanidade⁷ – eles podem fazer isso por si mesmos.

A revolução do proletariado deve ser antes de tudo uma revolução social, e a aliança entre a revolução social e o antigo jacobinismo conduz ao suicídio do socialismo.

Existe, mas não deve existir paz entre o proletariado e a burguesia, entre a sociedade crescente do futuro e as ruínas podres do passado. Eles devem lutar até a morte pela paz na sociedade futura.

⁶ Aqui o mais correto seria “classe dominante”, no singular, pois, no capitalismo, a partir de certo momento histórico, apenas a classe capitalista é dominante. Em certos momentos do capitalismo, tal como na época de transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista, a nobreza divide a dominação com a burguesia, ou no caso do capitalismo subordinado, no qual a classe latifundiária também foi classe dominante em alguns países ao lado da classe capitalista. Porém, pelos indivíduos citados por Lavrov (advogados, professores, juízes, “administradores”, ou seja, intelectuais e burocratas, trata-se da classe intelectual ou da classe burocrática, que são classes auxiliares da burguesia e não classes dominantes) (NT).

⁷ Lavrov aqui deve, provavelmente, se referir ao processo de abolição das classes sociais e sua substituição pelo que Marx denominou “livre associação dos produtores” ou “autogoverno dos produtores”, ou seja, todos se tornam produtores, tal como são os proletários hoje (NT).